

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ESTEVON NAGUMO



1290002996



FE

TCC/UNICAMP N139m

MEMÓRIAS JAPONESAS

CAMPINAS
2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

200619507

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ESTEVON NAGUMO

MEMÓRIAS JAPONESAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
o curso de Pedagogia da Faculdade de
Educação da Unicamp sob orientação do
Prof. Dr. Milton José de Almeida.

CAMPINAS
2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

© by Estevon Nagumo, 2006.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	N139m
	2996
	123/06
	11,00
DATA.....	31.08.06
Nº CPD.....	386320

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Nagumo, Estevon.
N139m Memórias japonesas / Estevon Nagumo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Milton José de Almeida.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Memória. 2. Ficção. 3. Educação. I. Almeida, Milton José de II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-308-BFE

Orientador: Milton José de Almeida

Segunda Leitora: Lilian Lopes Martin da Silva

Aos meus avós,

1.

A neve caía indiferente às preces ou à felicidade das crianças. Serena, isenta, fiel. Estendia um pano branco para que alguém servisse o chá. Abria uma folha branca para que escrevessem a sangue e terra. A menina brincava sem se importar com o clima de casa, de fora, de onde fora. Todo peso e constância do pai era passado. Uma vaga lembrança. Nada mais de sacrifícios ou dores por agora. Esbranquiçava-se.

Depois de brincar ao cansaço pedia para que nevasse mais. Escolhia uma árvore, se ajoelhava e rezava sozinha. Desejava o bem da região. Seus irmãos continuavam a brincar e a se esconder. Uma nevasca mais forte significava mais esquiadores vindos de Tóquio, principalmente depois que facilitaram o acesso com a construção do túnel Shimizu para o belo campo de esqui. Foi uma construção demorada que ocorreu nas proximidades. Ela viu todo o deslocamento dos obreiros. A derrubada das árvores. Os novos sons da mudança. Adorava as explosões da montanha. Na primeira vez que ouviu pensou que eram fogos de artifício. O chão tremeu, os cães ladravam e ela sorriu. Saltitava gritando "Feliz Ano Novo". O pai oferecia um sorriso duro, a mãe uma risada contida. A irmã menor a imitava. O irmão mais velho a gozava. Só o céu era indiferente.

O pai vivia a reclamar da neve. Sempre dizia que diante das circunstâncias, mesmo que os agricultores da região se esforçassem desde a escuridão da manhã até a escuridão da noite a ponto de não perceberem nem a florada e nem a caída das flores de cerejeira, nunca conseguiriam vencer as desvantagens em relação às regiões com menos neve. A chegada da primavera era bem demorada. Atrasava em um ou dois meses o plantio se comparado com locais que não conheciam a neve no inverno. O pai falava repetidas vezes que ainda que cultivassem as mudas de berinjela, de amora, de cedro japonês e de outras mudas, paralelamente e posterior à safra da cultura principal, nunca venciam os das demais regiões. A região tinha um aspecto selvagem devido às intensas tempestades de neve no inverno. Ventos frios vindos da Sibéria e carregados de umidade absorvida no mar lançavam quantidades gigantescas de neve de dezembro a abril.

As reclamações do pai eram traduzidas em esforço dos filhos. Sol ou chuva, lá estava a família a trabalhar. A mãe com os afazeres da casa em seu trabalho minimalista. Cabeça baixa e olhos atentos. Não demonstrava discordância objetivamente. A dor e a discórdia - quando

existiam - estavam no chá servido ao pai, em seu silêncio contido, nas brechas do chão de madeira. Aos filhos lhes condicionava a seguirem a mesma linha. Resistir, fingir, sorrir.

Hiro, o primogênito, vivia a incentivar as irmãs mais novas "Não reclamem". Ele mostrava em seu rosto amargo o fardo da responsabilidade de encabeçar esta geração. Mostrava em sua seriedade desequilibrada a pouca vocação para o cargo. 'Se ao menos ele continuasse com a tradição da família...' pensava a mãe em forma de prece. Ele não gostava de liderar, tampouco de ser o exemplo. Gostava mesmo de dormir, de estar em casa, de ajudar a mãe na cozinha. Não tinha terra no sangue, nas veias ou nos pés como o pai. Tinha sonhos. A obrigação, tradição e a educação o mantinham de pé. Sua irmã mais próxima, Mayumi, sentia grande compaixão por sua situação.

Em tempos de plantio, não havia espaço para nada. Escola, brincadeiras, passeios, tudo congelado. O pai falava que eles poderiam descansar quando nevasse. De onde surgia o empenho do pai, pouco se sabe. Constante desde milênios, ele era trabalho. Ao manejar a enxada - extensão natural do seu braço - remexia e preparava a terra com mais carinho do que o trato com seus filhos. Não exigia apenas o esforço da família, mas um respeito sagrado ao solo que lhes provia o sustento. Pior do que blasfemar o pai era ferir uma raiz. Pior do que acordar tarde para o trabalho era esquecer de colocar uma semente na vala. Sempre as punições e maldizeres do pai eram mais graves e agudos quando a falta era relacionada à terra. Entre a família podia haver discórdia e rancor em certo grau, mas deles para a natureza não. Mesmo o pai tendo o direito do constante reclamar das condições do tempo e da neve que lhe atrasava o cultivo. Sua raiva e mal dizeres não mudavam o clima, porém lhe davam força para voltar ao trabalho. Neste ano, plantaram berinjela e pimentão, pois segundo as metódicas previsões dele, era um ano propício para culturas baixas.

A vida era sofrimento. Aos poucos os filhos entendiam que isso não era ruim - os mais novos com um pouco mais de dificuldade. Não se tratava de fatalismo ou pessimismo. Era o realismo do pai. Tudo era visto de forma mais prática, objetiva, consciente. Aos homens esta ideologia deveria ser engolida, às mulheres entendida. Ruim não era sofrer, era não saber lidar com isto. A dor era um sinal de que ainda estavam vivos. O pai bebia saquê - produzido por seu irmão - para lidar com seus pesares. Seu único desejo era conseguir mais

prosperidade com a terra. A mãe queria basicamente o bem dos filhos, sempre acreditava que a educação poderia dar uma vida melhor a eles. Os filhos tinham desejos que cabiam ao seus mundos. Sayuri, a menor, queria mais bonecas. Hiro mais tempo e menos trabalho. Mayumi mais conhecimento. Tais aspirações não continham apenas esperanças, mas também sofrimento.

Todos desejos sob o mesmo teto. Não era tão apertada como uma casa da cidade, mas de toda forma sucinta. O espaço otimizado implicava na forma como se davam os laços familiares. Não se podia correr demais. 'E cuidado com a escada'. O riacho que corria perto dava sonoridade e volume ao local. O jardim de pedras já estava desarrumado, pois só no começo do inverno o organizavam. A natureza entrava naturalmente na casa. Pássaros descuidados, cobras e escorpiões às vezes. Neste pequeno mundo a proximidade exigia autocontrole e cooperação. O bem de todos acima dos caprichos individuais. Tarefa esta bem mais complexa para as crianças.

Hiro, Mayumi e Sayuri; fisicamente parecidos, distantes em pensamento. Hiro exorcizava parte da sua dor nas irmãs. Mal dizia, exigia, corrompia. Com mais acidez Mayumi, pois tinha dó da pequena Sayuri. Não gostava de ser o único filho, gostaria de compartilhar seus problemas masculinos com alguém. Mayumi entendia o irmão mais velho. Não o retrucava. Na sua serenidade buscava sempre uma reação sensata. Se ele a provocava com um "Tonta". Ela respondia "E se for, qual o problema?". Hiro odiava estas respostas. Pior ainda quando Mayumi lhe dava silêncio. Sayuri já devolvia de outra forma - mostrando a língua. Ela era a princesa da casa. Apenas sorria e já ganhava novos fãs. Derretia até o duro coração do pai. Muito apegada à irmã maior, a imitava e a idolatrava. Mayumi pensava que a menor deveria seguir o seu caminho. Os mimos da mãe. Era a que mais ganhava presentes da família. Às vezes reclamava mais que Hiro, mas quando recebia uma repressão se calava e aceitava. Hiro guardava mais rancores.

Os três adoravam o tio. Ele os visitava ao menos uma vez ao ano. Budista e produtor de *saquê*. Ao mesmo tempo que era compenetrado, divertia. Mayumi gostava muito dele pois simpatizava com sua filosofia. Tinha estima por uma cena que se parassara com ele. Ela chorava pois quebrara sua boneca preferida e ele sereno disse "Sobrinha linda, tudo é passageiro na vida, como a neve que vem e

logo derrete, as coisas se vão. Não há de se sofrer tanto por ela. Mayumi, se desprenda dela e logo acabe com seu sofrimento. Não confieis a nenhum refúgio exterior a vós. Nada é permanente. Tudo o que se reúne, não escapa à separação". Nem todas as palavras eram entendidas por ela, mas também não era necessário.

Seu saquê era reconhecido como de ótima qualidade. Para manter a tradição, sempre ao acabar a produção, cortava um pé de cedro verde, e aparava sua folhagem para que ficasse em formato de bola. Esta era pendurada na entrada da fazenda onde se produzia o saquê. A comercialização só começava quando todas as folhas verdes ficassem marrons. Este era o tempo de maturação da bebida. Vez ou outra, alguém pedia para que ele vendesse antes, porque tinha pressa de comprar ou para aproveitar a viagem. Nunca o tio deixou de cumprir o ritual. Sempre acreditou que deveria esperar as folhas dizerem o tempo certo. Sua justificativa sempre era a mesma "Há de se ter paciência, quando as folhas não forem mais verdes, então poderei vender o saquê, pois aí sim estará bom para o consumo".

Um dia ele fez uma visita à casa. Estava de passagem pela região e aproveitou para repor o estoque de saquê deles. Gostava da hospitalidade da casa. Era mais alegre e divertido que o pai. Mesmo com personalidades diferentes, algo dizia que eram irmãos. Trazia alguns presentes aos sobrinhos e fazia a mãe sorrir. Durante a janta, o pai pediu para passarem o misô ao invés do shoyu. Os filhos riram do ato falho, mas nada pesado se sentiu na mesa. Tal desvio impactou na plantação depois. Sayuri pediu mais arroz ao pai. De forma contida, humilde, solene. O pai estava contente com a conversa com o irmão. Gostava de saber como estavam os cultivos e o clima em outras regiões. Ao ouvir o pedido, fechou o sorriso, olhou para a filha e disse um 'sim' seco e duro. A mãe autorizada a serviu. Ao tio a resposta soou como uma bebida forte e amarga. Comentou "Irmão, porque és tão rígido com tua família? Sua filha se porta como uma súdita de um reino sem misericórdia. É tua filha, é só uma criança". Antes de responder, a pequena Sayuri perguntou com toda a contenção que cabia a uma mulher da casa e toda curiosidade de uma criança de 4 anos "Pai, o que é súdita?" E ele então respondeu para encerrar a interrupção da conversa "É aquela que obedece".

2.

Em certas ocasiões a família deixava seus afazeres. Passeavam pela cidade. Precisavam caminhar uns 15km para tal. Iam descalços, levando os calçados na mão e com o cuidado para não sujarem a roupa. O pai dobrava a barra da calça e carregava Sayuri um tempo no colo, revezando com a mãe e o chão as vezes. Passavam ao lado de campos de arroz, plantações baixas de beringelas e, parte, em um caminho sombreado por um bambuzal. Hiro adorava pegar um pedaço caído e sair correndo batendo e produzindo barulho. Mayumi adorava o verde vivo das folhas. A mãe colhia alguns brotos de bambu para ferver depois. O pai sempre elaborava um parecer sobre os cultivos da região. A mulher aprendia um pouco de agricultura nestas horas. Os filhos preferiam se divertir com os animais que encontravam: pequenos ratos, borboletas, se encantavam com os pássaros.

Na cidade o pai buscava cumprir sua função: comprar os mantimentos. A mãe aproveitava para se divertir com os filhos. Normalmente faziam estas idas em épocas de festivais - *matsuri*. Em maio, ocorria o dia dos meninos. Eram pendurados em postes pipas com o formato de carpas. O peixe simboliza o sucesso, desejando força para os pequenos. A Sayuri não se continha. Seu sorriso era constante ao ver tantas carpas navegarem no correr do vento. No verão iam no festival das lanternas - *bon* - de tradição budista que tratava da morte. Trocava-se presentes e acreditava-se que os ancestrais visitam os vivos nesta época. Três dias antes, casa e cemitério eram enfeitados. Em casa, se preparava as refeições preferidas do falecido. As crianças adoravam porque a mãe cozinhava um *udon* com ostras e fazia deliciosos *dorayakis*, pratos prediletos do bisavô. Mayumi se deliciava com o *udon*, pois adorava coisas do mar. No último dia do festival, *onigiris* eram colocados no altar da família para alimentar os mortos em sua viagem de volta ao mundo dos espíritos. Também eram acesas lanternas e fogueiras para ajudá-los a encontrar o caminho. O grande momento era quando se escrevia o nome do finado em pedaços de papel que iriam a bordo de um barco de papel. Cada pequena embarcação levava um vela acesa. Se lançavam ao rio várias pequenas embarcações ao mesmo tempo, todos esperavam em silêncio elas apagarem uma a uma ou apenas desaparecerem na água. Sayuri dormira no colo do pai. Mayumi meditava. Hiro ficava ansioso até acabar a última luz e ele se aliviar. Novamente a escuridão.

Eis que chegara a primavera e com ela as cerejeiras floridas. As

berinjelas do pai aparentavam ser melhores do que nos anos anteriores. A chuva não foi escassa como em outros tempos, nem abundante como em tempos futuros. Era um ano distinto, havia um ar de prosperidade no vento. Distinto da terra que denunciava o oposto. Os pequenos pimentões estavam adquirindo cores estranhas. O pai pensou se tratar de uma doença desconhecida. Mayumi, mais sensível, olhava como um sinal. A mãe nada achava. Sayuri fazia graça falando "Papai, foi o arco-íris que pintou os pimentões"

Não houve tempo do pai verificar a que se devia tal mudança. Nem pode mesmo consultar um especialista. Uma nevasca fora de época originária do norte castigou a plantação sem aviso ou piedade. A família fez o que pode para conter os estragos. O pai e Hiro cobriram os pés e os pimentões como puderam. A mãe, Sayuri e Mayumi buscaram todos os sacos, papelões, jornais, caixas e algo que pudessem proteger as plantas. Até panelas serviram para proteger os melhores pés. O pai fazia tudo sem acreditar que sua plantação estava sendo coberta pela neve. Tal era a correria que mal sentiram o frio. A dor aflorou quando pararam a fracassada tentativa. Os filhos nunca viram tal desespero nos olhos do pai. Ele sempre se mostrou contido, sério, triste às vezes, mas nunca assim. Mesmo em outras tragédias quando a plantação quase foi alagada, ou em outras nevascas inesperadas. Seu desespero estava na forma de gritar com todos. E no silêncio da neve que o vencia.

Não era da natureza que ele tinha medo, era do inesperado. Talvez seus maldizeres sobre a neve tivessem sido escutados pelos espíritos que rondavam sua casa. Talvez fossem os antepassados que lhe propunham um desafio a tão disposto trabalhador. Talvez se tratasse de uma maldição desconhecida na família, ou algo do seu *karma*. Não acreditava em vingança, traição ou culpa da natureza. Para o pai era algo diferente. Sem definição própria.

Nos dias que se seguiram, a família viu o carvalho do pai ruir. Bebeu saquê, desistiu dos poucos pés que se salvaram, não cobrava mais os filhos para nada e suas reclamações já não tinham peso. Ninguém estranhava o pai ficar bêbado em dias normais. Era direito dele beber para se alegrar, compensar a disciplina, afrouxar o espírito. Normalmente bebia na casa dos amigos. Quando chegava dizia uma ou outra reclamação alcoólica, mas não se mostrava outra pessoa. Agora a bebida preocupava. Não só pela quantidade, mas pela frequência. A mãe

chegou a cogitar a possibilidade dele fazer algo ruim ou fora do controle.

Mostrou sua fraqueza pela primeira vez. Os filhos não gostaram. Sayuri, principalmente, queria o velho pai de volta. Aquela pedra, que cedia uma ou outra vez aos seus encantos. O que sempre cobrava a família. Sempre de ombros eretos que raramente mostrava cansaço. O homem da casa que sabia quando ia chover. Aquele de grande força interior. Senhor do seu pequeno feudo.

A mãe rezava e tentava persuadir o marido para que voltasse a seu cotidiano. Todos da região se espantaram com a mudança. Ninguém achava que o pai um dia chegaria a tal ponto. Muitos agricultores sofreram com as perdas da região, mas ninguém tanto quanto o pai. Nenhum rosto ficou tão marcado de tristeza e desesperança quanto o dele. Cavou um vazio onde perdera sua confiança.

Sem a lavoura, os filhos começaram a apreciar mais a escola. A mãe tomou controle e começou a reerguer a casa. Assim, tentavam impor um tom de normalidade que antes era regido pelo pai. As economias da família foram finalmente utilizadas. A mãe começou a restringir o saquê do pai. Chamou amigos e parentes para tentar animá-lo. Começou a pensar no que poderiam fazer para voltar a cultivar. Os filhos se espantaram com a força, administração e empenho da mãe. Ela não precisava exercer a mesma disciplina formal do pai para conseguir algo da prole. Além de sensíveis à situação do pai, seus filhos queriam agradar e obedecer figura materna tão compreensiva e protetora. Ocupava distintamente o espaço deixado pelo pai.

A mãe. Tão simples no seu andar. Tão sublime o seu olhar. Era sempre a mulher do pai. A que andava 3 precisos passos atrás do marido. Que colocava a mão diante da boca ao sorrir. Dona de casa: cozinhava e limpava automaticamente. O pai sabia do brilho da mulher. Soube deste o princípio que tivera sorte no casamento arranjado. Eram um casal onde prevalecia a honra pela família, não os sentimentos. Boa moça, de família e personalidade. Na dificuldade do pai, nada de auxílios externos para questões da casa. Ela deveria levar sozinha a condução desta. E bem levava.

Sua relação com os filhos sempre foi de educação. O hábito era ensinado, não apenas as regras. Os três aprenderam amarrados quando

pequenos às costas da mãe a fazer uma reverência. Curta para alguns, longa para os vizinhos, várias curvaturas ao agradecer alguém. Aprenderam as intrincadas formas e graduações da etiqueta japonesa. Não se tratava de uma cortesia geral, mas muito específica para cada caso. Ela sempre alertava os filhos para exemplos de outros garotos que agiam corretamente. "Olha como aquele menino ajuda sua mãe". Ou para famílias que ela admirava "Vejam como os Takahata são prestativos, ajudaram os vizinhos que passavam dificuldades". Formava filhos observadores meticolosos ao código vigente. Tanto que Sayuri às vezes reprimia os próprios irmãos falando "Olha mãe, como eles estão fazendo coisa ruim". A mãe serenamente esperava que todos procedessem conforme ela aprovasse. Branda e consistente como a sede, mantinha a pequena família nos caminhos que lhe pareciam corretos.

Os filhos estavam contentes na escola. Por mais que já estudassem - e eram cobrados para serem ótimos alunos - puderam se divertir com mais leveza sem os trabalhos com campo. A mãe sempre preparava o lanche, já que não havia merenda na escola. *Obentô* que levavam era simples, nem tanta carne, nem tanta leveza. Na perfeição do *onigiri* triangular se via todo o cuidado da mãe.

Antes de dormir, a mãe contava algumas histórias para os filhos dormirem. Hiro discordava de alguns pontos e sempre discutia com Mayumi que seguia mais pela lógica do conto. Nestas horas Sayuri intervinha 'Deixa a mãe acabar a história!'. Uma fábula consensual, que não gerava este tipo de polêmica, era "Os três *bonsais*"

Em uma planície vivia um casal muito pobre, em um casebre muito simples. A lareira vivia apagada e a dispensa sempre vazia. Por três dias nevou e nevou. As condições para os dois pioraram com tanta neve. Mas a mulher não desanimava, porque acima das dificuldades eles tinham uma alegria. Possuíam três lindos bonsais no canto da casa: uma tuia de cem anos, um pinheiro de cento e vinte e um carvalho de duzentos anos. Se as vendessem poderiam sair da miséria, mas preferiam passar fome do que abandoná-las, tal a estima que tinham por eles.

Um dia chegou um mendigo pedindo abrigo, argumentando que morreria de fome e frio se não o acolhessem. O homem do casebre disse que eram pobres, mas dividiriam o pouco que tinham. Assim o mendigo comeu o último pão duro da dispensa, mas continuava tremendo de frio. O casal entreolhou-se e souberam que se não sacrificassem os bonsais o pobre visitante morreria.

Com muitas lágrimas a mulher começou pela tuia que logo foi consumida. E lá se foram o pinheiro e o carvalho para a lareira na seqüência. De repente, das labaredas surgiu uma imagem de Buda que lhes disse "Vocês deram tudo o que tinham a quem lhes pediu, eu lhes abenço a vossa casa. De agora em diante nada lhes faltará"

Ao olhar para os lados o mendigo havia desaparecido e a casa se transformado. Se tornara um lugar aconchegante e com a dispensa repleta de comida. E no canto da casa, lá estava os três bonsais, como se nada ocorrera a eles. Desta vez, os dois choraram de alegria e felicidade.

Justo duas semanas depois da nevasca o pai voltou. Disse "Vamos para o Brasil, um país grande, onde o sol brilha todo ano, onde as pessoas trabalhadoras e honestas prosperam, onde podemos recomeçar". Todos acharam que o pai estava bêbado ou louco para dizer isso até ele repetir as mesmas palavras olhando cada um dos filhos e mostrando nos seus olhos negros toda sua firmeza de volta. Ninguém o contestou. A mãe estava parcialmente feliz de tê-lo de volta, só tinha receio da idéia e da viagem. Ela ouviu boatos de que muitas famílias estavam indo para a América pela situação econômica do Japão, mas não tinha idéia se eles estavam conseguindo empregos. Havia uma lenda que muitos estavam morrendo de uma doença desconhecida dos trópicos. Muito se tinha de propaganda e boatos, pouco se sabia na verdade.

Hiro não gostava da idéia, preferia o sofrimento da sua terra, não mudanças. Sayuri a menor, não entendia direito. Pensava mais como uma novidade, férias talvez. Mayumi pensou que deveria começar a se desprender da casa e da vida que levava. Soube aproveitar seus pequenos prazeres, seus momentos na neve, as brincadeiras com os irmãos, o céu do outono, o suor do trabalho bem feito. Se nada era eterno, eis que chegara a hora de partir. Só não se esquecia da tristeza que aquela nevasca causou ao pai. Por isso, era a única que o apoiava, sensível a sua dor. Tentava se desprender tanto desta lembrança triste, como da neve. Queria poder ser maior que tudo isso, maior que seus desejos, maior que seu sofrimento. Tinha apenas 7 anos. Guardava no fundo um certo pesar de deixar a pequena cidade Muicamachi. Meditava para recomeçar de novo em outro lugar, distante de lá.

3.

Se o pai saiu da terra. O vô saiu da água. Mais flexível e espiritual, caminhava por um viés transcendente. Dependia da sua relação aberta com o mundo para isto; não como o pai que necessitava de um pragmatismo para lidar com a vida. O vô pertenceu a uma época bem distinta no Japão. Presenciou o começo da Era Meiji, do "controle iluminado". As decisões deixaram de ser realizadas de forma coletiva e anônima através de um obscuro comitê de conselheiros. Voltaram a se centralizar na mão do imperador. Os tempos mudavam. Outros conhecimentos chegavam do Ocidente. Tal transformação carregava dor, rasgava parte de um passado duro e os pedaços inúteis queimavam. Mas as cinzas permaneciam.

Ele deixou de ser *samurai* aos 24 anos. Com o fim do *xogunato* de Tokugawa e a restauração do governo imperial, seu *daimio* concordou voluntariamente em entregar suas terras ao imperador para que o Japão se tornasse uma potência. Estava posto o fim desta carreira. Ficou sabendo que os líderes Meiji fariam um estudo do Ocidente para ajudar no crescimento do país. Sem acesso, contato, ou dinheiro, ficou apenas na vontade de conhecer o mundo.

Não gostava do *status* de ser *samurai*. Optou não por vocação, mas por falta de opção. Pensava se tratar de uma profissão de importância histórica e política. Respeitava o trabalho que fizeram para unificar o Japão, ocupando cargos administrativos e políticos. Apenas não se sentia como alguém que nasceu para tal função. Seguia o *bushidô*. Submetia-se à idéia de servir. Dar-se aos outros; estar à disposição sem reservas nem falhas. Um homem cuja vida estava empenhada pela lealdade. Sempre fora condizente com os mandamentos do seu suserano. Contudo, se questionava se jovem como era, daria a vida por seu nobre senhor se necessário. Mais do que isso, lhe incomodava se sentir como uma parte de um todo opressor, sem relevância própria.

Tinha uma habilidade básica para manejar a espada. Sempre preferiu à filosofia, literatura, caligrafia e cerimônia do chá. Seu desenvolvimento com tais artes fora feito com mais afinco e determinação. Não era tão valente quanto os demais. Das batalhas não trazia nenhuma grande história. Para ele, sua conduta moral era mais importante que suas habilidades na esgrima. Acreditava que a espada era a alma do *samurai*. Então, ele deveria trazê-la tão limpa e justa quanto sua própria alma.

Depois que seu suserano feudal se desfez das suas terras, ficou livre. Mudava de casa, de profissão, de caminho a todo momento. Pescador, carteiro, poeta, de tudo um pouco, de nada um muito. Não pertencia a espaço algum, nem a ninguém. A curiosidade o levava a lugares distantes. Do passado: lutas, cicatrizes e sua espada. Não pensava nas mortes que causara. Todas foram em decorrência do fiel cumprimento de ordens superiores. Outra renda não era o problema. Sua questão era um sentido. Sempre versátil, podia exercer outros ofícios. Agora, quem obedecer? Nesta brecha, sabia apenas que não viveria mais da espada. Esperava uma novidade, uma nova construção.

Depois de fracassadas idas e vindas, entendeu que um obedecer cego já não era seu caminho. Partiu para uma tentativa mais autônoma. Depois de anos de trabalhos ingratos aprendeu que o poder de mandar é a recíproca da capacidade de servir. Aqueles que apenas mandavam, não tinham conhecimento para tal. Acreditava no ideal de hierarquia até lidar com vários padrões mentirosos e corruptos. Seu instinto queria sangue em sua aposentada espada. Impedia-se. Não tinha mais respaldo para fazer vinganças. Já não tinha um nobre para sustentá-lo. Não mexia em estruturas sociais arcaicas, só nas suas. Mudar esta obediência não foi simples, a raiva e a inquietação o levaram paulatinamente a desistir de tudo. Viveu sozinho por um tempo: pescou, nadou, sonhou, andou.

Carregava a casa e a honra na mochila. Viajou pelo país e pelo mar. Se sentia muito bem perto da água. Anotava tudo em pequenos diários. Gostava de ler, mas não de ficar com os livros. Sempre os deixava os em lugares públicos para que outros os levassem. Praticava *shodô* quando possível. Trabalhava sua sensibilidade em cada afazer. Por mais trabalhador e organizado que fosse, podia deixar tudo para contemplar um pássaro, uma nuvem, uma rã. Tinha um despojamento que libertava seu espírito dos desejos que o fixavam ao mundo. Precisava do mínimo de elementos, apenas o suficiente para que se realizasse o momento de integração entre ele e o que o rodeava.

Cansou de tanto andar. Cansou da solidão. Se estabeleceu em Muicamachi, província de Niigata. Motivo: mulher. Beleza, elegância e suavidade como nunca encontrara em um só pessoa. De extremo refinamento físico e espiritual. Alguém com um charme sutil, alguém que transcendia as aparências. Ela tinha uma verdade velada que ele

sentia mas não conseguia descrever. O levava a uma sensação de místico. Lá ficou seu nó. Não foi simples casar. Muito trabalho e provações foram necessárias para tal. Passados os testes e os questionamento constitui sua própria família. Aprendeu a lavrar e cuidar da prole.

O coração apertava quando o tempo lhe parecia agradável para sair. Pulsava a vontade de partir. Olhava o horizonte, o sol, a casa, os filhos. Engolia a seco um mar distante. O peso de carregar a mochila nunca lhe saiu das costas. Sonhava as vezes com um barco e o cheiro da brisa do mar. Compensava, às vezes, fazendo longas caminhadas solitárias. Montou uma biblioteca, praticou seu *shodô*, amou. Quase aprendeu uma complicada arte cerâmica com a mulher, mas não foi capaz. Apenas admirava. Cultivou os filhos com melancolia e os netos com projeções. Esperava da sua linhagem algo além do tradicional, além do trabalho, algum sentido.

O vô e o pai não conversavam muito. O vô não se preocupava demais com a plantação, nem com a produção, nem com a vida simples que levavam. O pai já almejava mais. Queria sair deste estado a ele compressor. Vivia a cobrar indiretamente mais esforço do vô, que lhe devolvia subjetivamente uma negação. O vô nunca tentou mudar muito a ideologia do filho, por mais que não gostasse da dureza e ansiedade do filho. O pai sempre buscou formas de mudar o vô, por mais que o respeitasse e entendesse. Eram poucos os temas em que podiam se encontrar. *Shodô* era um deles.

Depois que o pai casou, pouca coisa mudou. Saiu de casa, criou sua família, fez da sua plantação aquilo que sempre desejou, mas com o vô continuava com gotas de conversa. Este ficou muito feliz com a chegada dos primeiros netos. Tentou uma aproximação através deles. No fim, descobriu que nada mudaria muito sua situação com o filho. Talvez fosse o passado distinto que não gerava muito orgulho ao pai. Na escola, falavam que o vô era apenas um antigo *samurai* que não sabia manejar direito a espada. O pai até tentava defender a honra da família, mas sabia que em parte eles tinham razão. Além disso, sabia vagamente que o vô por um bom tempo fora apenas um andarilho, vagando pelo Japão sem um emprego fixo, nem planos concretos. Vivendo de frutas e animais que caçava, colhia ou lhe doavam. Quando criança até tinha curiosidade de saber mais os motivos que levaram o vô a seguir por aí e como era esta vida. Se aprendeu a montar armadilhas para

pegar pássaros e outras questões de sobrevivência. Depois começou a pensar que se não o soubesse seria melhor. Não tinha orgulho dele não ter trilhado caminhos mais tradicionais e socialmente aceitos.

Quando o pai foi pedir o consentimento do vô para ir ao Brasil, pensou que este se alegraria. Seria a oportunidade que ele não teve de viajar e conhecer o mundo, e que se materializava nesta outra geração. Seria a possibilidade do pai reavivar o espírito desbravador do vô e talvez se tornassem mais próximos. Contrariando estas expectativas, o vô fez uma grande resistência. Alegava não ter necessidade deles irem até o outro lado do mundo que mesmo no Japão dava para levar a vida de algum modo. Inveja, medo o que fora, o pai precisou de longas conversas e muita insistência para lograr a permissão. Nunca conversaram tanto. Provavelmente o pai partiria com ou sem o consentimento do patriarca, mas sabia que algo maior estava envolvido nesta negociação. O vô colocou uma condição para a partida: o compromisso de retornarem ao Japão em 15 anos. Para tanto, o pai foi obrigado a deixar Hiro e Sayuri, como garantia do cumprimento da palavra. O pai sabia que se tivesse sucesso no Brasil, mandaria dinheiro para que seus filhos também fossem para lá. No fundo, gostaria que fosse apenas algo temporário como o vô impusera. Quinze anos lhes parecia demais, mas era um acordo. O pai queria juntar dinheiro para comprar terras no Japão que não fossem tão geladas quanto as suas atuais.

Nenhum filho gostou da separação. Nem Hiro e Sayuri que ficaram sem os pais. Nem Mayumi que ficou sem os irmãos. Mas não reclamaram tanto, no fim, era parte da dívida que tinham com quem lhes colocou no mundo. Se eram moedas de troca entre pai e vô, nada podiam fazer. Sabiam que gritar e chorar não mudaria muito. Fizeram o básico "Mas o pai disse que todos iríamos para o Brasil juntos". "O pai não gosta da gente". E ele devolvia com sua argumentação racional, como se não tivesse outra opção além de uma tentativa frustrada de justificar aquilo que era maior do que todos.

4.

Prontos para ir. Em algum hora partir. Nenhum aceno a dar ou receber. A família partira como um núcleo duro e só; autosuficiente. Lágrimas só as da mãe, que segurava forte a mão da filha. Era a pressão de deixar parte de si. Mayumi não reclamava. Pensava que deixara os irmãos momentaneamente. Seu suor os traria de volta em um futuro incerto. Ao seu redor, outras famílias, outras crianças, choros, soluços, partidas. E o mar. Onipresente. Em suas próprias ondas Mayumi navegava ao desconhecido. Sem medo.

O pai olhava longe, perdido em pensamentos e gaivotas. Lembrava de quanto Hiro chorou quando ele disse que deveria ser forte, pois agora era o homem da família e que deveria cuidar bem da Sayuri. Não era para ser assim, tal peso nas costas de uma criança. A mãe lembrava mais as puras lágrimas da pequena filha. Ainda sentia o calor da pequena, seus braços a apertando, sua dor. Tanto a mãe quanto a filha sabiam que de nada adiantaria pedidos, súplicas e manhas. E ambas sabiam que, mesmo assim, tudo iria acontecer. Escrito em algum lugar.

Dias se passaram para estarem na água, desde a cena na estação do trem. O vô sereno, a vó emocionada com Hiro e Sayuri ao lado. Todos na estação, ninguém no porto. Outros amigos também foram se despedir deste estimado casal da comunidade e de Mayumi. Desejaram boa sorte, prosperidade, saúde, paz e todas as coisas que se falam quando alguém faz aniversário. O tio budista também estava lá. Disse para a pequena: "Você irá sofrer com esta partida, sobrinha. Entenda que este sofrimento faz parte da vida. Você deve conseguir compreendê-lo. Só assim poderá superá-lo. Você não pode chorar o dia todo. Deve saber a origem da sua dor, contê-la, trabalhá-la. Depois busque o caminho para o entendimento das coisas: a compreensão correta, o pensamento correto, a palavra correta, a ação correta, o meio de vida correto, o esforço correto, a atenção correta e a concentração correta. Eu confio em você, és inteligente, saberá quando estiver no bom caminho."

O trem parou em outra estação onde outros embarcaram. Todos iam para o porto de Kobe. Os três observaram tal despedida. Não eram mais o foco da atenção. Mayumi gostava de observar as expressões de tristeza e felicidade de pais e filhos. Via que nos olhos estavam concentrados os desejos e as esperanças de todos. A mãe ainda estava sensível e chorou ao ver outros chorarem. O pai se impacientava com a demora da partida. Enquanto isso, os 2 filhos rezavam em um templo

pedindo proteção e iluminação aos pais e à irmã. Era o começo da jornada, havia apenas uma pré-ansiedade. Estavam sós, mesmo ainda no Japão, já deveriam se configurar e ajustar de outra forma. Outra dinâmica, outras expectativas, outras cobranças.

No convés, o pai afora era simpático e popular com os demais. Adentro carregava incertezas e apreensões. Sonhava. Não se sabe com o quê. Conversava, conhecia, desfrutava. Sempre fora educado e social. Este meio destacava esta lado tão invisível em casa. Conheceu pessoas de distintas profissões, grande parte agricultores. Eram muitas situações parecidas. Os mesmos contextos, as mesmas expectativas. Um fluxo positivo corria a solto tentando sustentar o medo do desconhecido. Conversava sobre livros com o Senhor Yamashita quando uma criança que brincava caíra na sua frente. Ele a fez parar de chorar com sua serenidade e seu balanço. Para espanto de Mayumi e sorriso da mãe.

O Senhor Yamashita ficou conhecido pois perdera o chapéu de palha quando uma forte brisa o levou. Muitos viram a cena e ficaram com pena. Mayumi pensou 'é só um chapéu'. Ele acabou comprando um chapéu coco quando passaram na Cidade do Cabo. Era um chapéu de caçador, não souberam como ele conseguiu negociar, souberam apenas que depois de tão inusitada compra fora conhecido como o Yamashita do chapéu, dentre tantos outros com o mesmo sobrenome.

Depois de ter deixado o porto de Kobe, passaram por Hong Kong, Saigon, Cingapura, Durban e Cidade do Cabo. Deste último até o Rio de Janeiro passou-se uma semana. Todas as manhãs no Atlântico praticaram o Hino Nacional do Brasil para recepcionar os inspetores do serviço de imigração que iriam embarcar no Rio de Janeiro com a finalidade de verificar a documentação dos imigrantes a bordo. Essa recepção fora recomendada por um imigrante que estava de viagem pela segunda vez. Assim foi feito e tal calorosa recepção aos inspetores ajudou no desembarcar de Santos sem problemas.

Depois do centro de acolhimento dos imigrantes em São Paulo, da inspeção alfandegária partiram, junto com outras 3 famílias pela Estrada de Ferro Noroeste para a fazenda Independência. Era um trem bem diferente do japonês, um clima bem distinto, um outro tempo que corria. O verde e o espaço chamava a atenção. Limitados pela terra montanhosa e comprimidos nos raros espaços habitáveis, os japoneses se

acostumaram a cultivar o espaço interno da mente. Em sua arte e cultura, escolheram enfatizar a sobriedade e a contemplação. Não sabiam se estas bases mudariam muito com outra configuração espacial.

No dia seguinte, um fiscal veio junto com um intérprete para definir a moradia para cada família. No olhar da mãe se via o desapontamento. Eram acomodações mais simples do que a casa passada. Chão batido, terra vermelha, camas improvisadas. A maior diferença estava na organização, na disposição dos móveis, na arquitetura. Não viam a lógica da casa. O sentido geral não se vinculava a rituais como de costume, o acaso e a economia determinavam as posições nesta estranha terra.

A mãe arrumou o lar. Tirou o pó, criou espaços próprios. O pai não opinava. Era o reino dela, não dele. A ele cabia o suporte, trazer materiais, mover objetos pesados. Fizeram bancos improvisados de tocos de madeira. Na sua curiosidade o pai descobriu urucum. Disto conseguiu uma tinta vermelha com a qual pintou o batente da porta de entrada. Um simbólico 'tora' para lembrar que a casa era sagrada.

Os pernilongos foram combatidos com citronela. Os ratos com armadilhas caseiras. As cobras com coragem. O pai as laçava com uma corda amarrada no cabo da vassoura. Com o tempo aprendeu a pegar com a mão. Inventou de cozinhar uma desta para provar sua carne. Não gostou. Mayumi não quis comer. Em uma conversa com o capataz descobriu que podia enviá-las para o Butantã. Seu retorno vinha em vacinas anti-rábica. Tinha um grande respeito por estes répteis. Não só pelo perigo. As considerava dragões sem asa. Não se tratava de misticismo, era mais ligado ao subjetivismo. Tinham algo a lhe ensinar.

Na casa havia um ornamento trazido com muito cuidado. Antes de sair de Muicamachi, o pai recolheu um punhado de terra e o armazenou em uma pequena lata de aço. Não se sabia se era uma lembrança ou um estímulo para o retorno. Ficava na estante improvisada de casa. Invisível aos olhos de uma visita. Talvez fosse o objetivo do pai. O sentido, significado, sentimento, cabia e se restringia apenas aos três.

Fora de casa, tiveram que se acostumar com o sol mais forte. A pele escureceu, logo se adaptando. Era um trabalho mais duro do que o que estavam acostumados. Antes eram autônomos, a cobrança era

principalmente do pai. Agora obedeciam a um outro, era uma cobrança mais dura. Antes decidiam o quanto podiam e queriam produzir. Agora o ganho era ligado diretamente a quantidade de trabalho. Se quisessem ganhar mais deveriam colher mais. Não era uma simples mudança de trabalho, era uma forma de conceber a vida. Se tornaram uma mão de obra explorada. Aceitaram pois não tinham outra opção, mas não se satisfizeram.

O pai não gostava da condição. Não achava certo a forma de gestão da fazenda. Se juntava aos outros na reclamação. As promessas não cumpridas. Só não se revoltava o suficiente para dizer algo para os administradores da fazenda. Continha-se. Mayumi e a mãe acabavam ouvindo. Eram parecidos com os maldizeres para a neve que nunca lhe dava trégua em Muicamachi. Ou era *karma* do pai sofrer com questões da terra, ou era a forma dele se instalar no mundo, reclamando.

Trabalhar na chuva era um prazer. Se não fosse pesada e acompanhada de vento. Se fosse singela. As roupas e calçados pesavam sim. A terra ficava lama. A água não incomodava tanto e o sol a luz mudava. Alguns trabalhos se inviabilizavam. Não importava. O pai só parava se as poças no campo fossem demais. Mayumi se alegrava com esta pequena mudança. Desejava que saísse um pouco de raios, quebrando o tom cinza. Não simpatizava com o arco-íris. Queria apenas a luz atravessando o céu fechado. Preferia a terra menos grudenta do Japão.

Depois de um dia de chuva, a noite veio fria. Não imaginavam que poderia fazer tanto frio em um país tropical como o Brasil. De manhã descobriram que havia geado. Os pés de café plantados nos locais mais baixos sofreram e estavam com suas folhagens escurecidas ou queimadas. Como consequência da geada, os preços do café subiram. O fiscal ficou mais rigoroso com os grãos deixados no chão e mandava passar melhor o rastelo quando não gostava do serviço. Se necessário, mandava voltar sessenta pés para recuperar dez grãos deixados para trás.

Foi a duras penas que se acostumaram com a comida. Uma família vizinha vindos de Okinawa se adaptaram melhor pois já comiam porco antes. Para o pai, a mãe e Mayumi, era muita gordura, muito sal, muita diferença. O arroz salvava a refeição, mas nem sempre conseguiam. Também não era o mesmo a que estavam acostumados. O pai logo se afeiçoou da carne de porco. Logo se acostumou ao café. Mudou até o físico, ganhou corpo com esta nova alimentação. A mãe não gostava mas

pouco reclamava. Mayumi tentou ajudar a mãe plantando algumas verduras para tentar variar um pouco.

Em um domingo, o pai sugeriu que assassem um pão já que viviam no Brasil. A mãe disse que precisariam de "pão de semente". O pai então foi pedir, com sua parceira portuguesa, para que a vizinha brasileira vendesse um pouco. Só que ela respondeu "Não tenho". Pensando que era só um problema de ordem das palavras o pai inverteu e pediu por "semente de pão". E ela disse "Não conheço". Diante disso ele foi para o único livro que tinha para conversação, e conseguiu encontrar uma frase. Assim disse "Senhora, você poderia me ensinar a fazer pão?" Ela foi bem educada e marcou um dia para fazer na casa deles. Levou o fermento e assim, descobriram o nome do que chamavam "semente de pão". Os pães duraram a semana e foram fonte de ânimo neste tempo.

Havia um chiqueiro na fazenda. Quando matava um porco era um momento de felicidade para todos. Menos para Mayumi. Ela sentia pena não só pela morte, mas não se sentia bem quando jogavam água fervente para limpar a pele dele. Era uma cena que ele tentava apagar da memória, mas não conseguia. O efeito daquela temperatura deformando a pele o animal. O pai se deliciava com tudo o que tiravam do animal. Com a banha enchia suas antigas latas de óleo para conservar algum alimento. Também adorava esquentar a banha e encharcar um pão neste óleo quente. Faziam lingüiças e deixavam em cima do fogão à lenha da casa para serem defumadas. Depois de alguns meses estavam prontas.

Aos sábados de tarde quando anunciavam o final do expediente, as moças se reuniam para apanhar mamões. Se deslocavam até os pés e me duplas colhiam os mais maduros levando todos os frutos para um único lugar. A divisão era feita jogando *jankenpo*. Quem ganhava tinha o direito de escolher antes. Mayumi sempre perdia, normalmente colocando 'tesoura' e perdendo para 'pedra'. Em boas colheitas a mãe carregava até oito mamões, chegava com o ombro dolorido. Eram os 'doces' da casa pela semana. Ofereciam mamão cortado para as visitas de domingo.

Um doce que Mayumi adorava era feito com mel. Feita duas vezes ao ano, era preparado com o resto do arroz que não consumiam. Este era seco ao sol na tentativa de não desperdiçarem nem um grão. Depois era espalhado uniformemente em uma assadeira. Um melado com mel e outros ingredientes que ela nunca soube era derramado por cima. A luz amarela translúcida que emanava da fôrma já carregava toda a felicidade que

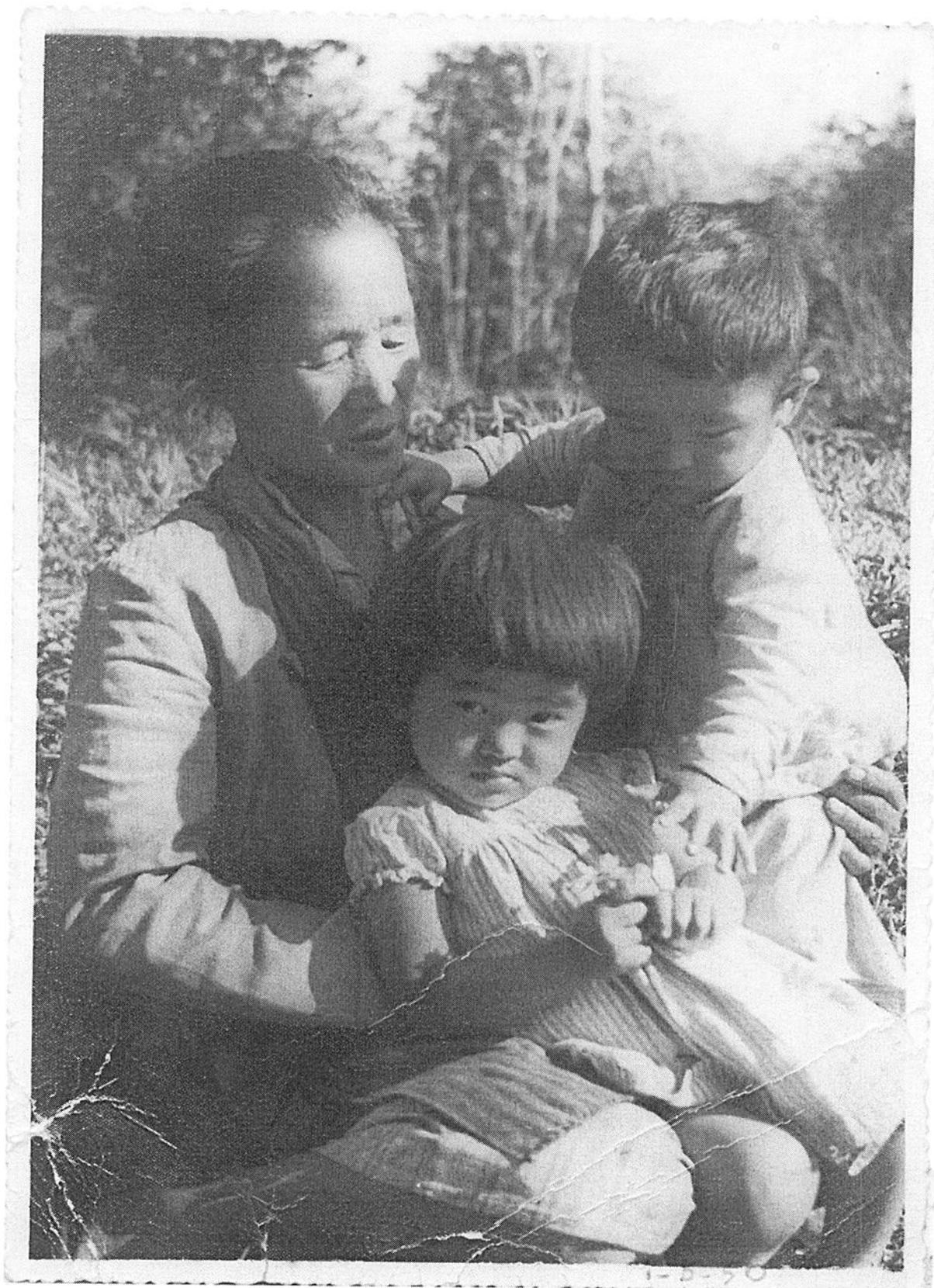
ela precisava. Sem mesmo provar, já estava saciada com o olhar. Depois de pronto era duramente cortado pela mãe em pedaços que deveriam ser iguais. Sempre o melhor ficava para o pai.

Passado um mês no Brasil, descobriram um lugar com muitos pés de batata doce. Em um domingo, depois de lavarem a roupa, Mayumi e uma amiga da sua idade da família Matsuda foram buscar as batatas juntas. Andaram bastante para chegarem ao local que ficava depois do mato e no meio do outro cafezal. Os cipós dos pés de batata chegavam até a cintura. Quando as duas estavam procurando batatas, sentiram umas picadas bastante fortes, mais dolorosas que a picada de abelha. A amiga de Mayumi sentia muita dor e ela disse que no Brasil havia insetos venenosos e que estes poderiam ter picados ela. Falou até da possibilidade dela morrer com o veneno mesmo antes de chegarem a casa. Pediu que relatasse o acontecimento para os pais se chegasse a morrer. Ela andava mancando e chorando dizia 'Você, Mayumi, não pode morrer, viu!' Neste momento, a lembrança de Sayuri surgiu com força. A leveza e espontaneidade da irmã menor estavam ligadas com a extrema dor da amiga. Talvez pela preocupação. Ela não sabia quando veria a irmã de novo. Depois de todo o susto das picadas, trabalhou com mais afinco, determinada a rever Sayuri antes de morrer.

A safra do primeiro ano foi razoável. Não receberam o quanto gostariam, mas se contentaram. Ninguém perguntou ao pai quando trariam Hiro e Sayuri, ou mesmo quando voltariam. No rosto do pai se via que não seria logo. A mãe sonhava bastante com os filhos que ficaram. Receberam as primeiras notícias somente 4 meses depois da chegada em uma carta simples, sem grandes novidades. Por mais que tenha sido devorada pela ansiedade e cada palavra era um esperança. No geral, não trazia nada de novo. Escreveram os três um carta de volta dizendo o quanto a vida era dura neste país, sem detalhar os sofrimentos maiores pelos quais passavam. E a saudade que sentiam dos dois que ficaram.

Mayumi ainda se sentia deslocada neste novo espaço com outros tempos. Não precisava ir para o cafezal para trabalhar. Ajudava na casa e na horta. Era querida pela comunidade da fazenda. Socializou-se bem com as demais crianças. Gostava da fauna nova que conhecia. Os pássaros de cores vibrantes, as mariposas de noite, as borboletas da estrada. Não gostava do cachorro do dono da fazenda. Latia demais.

Uma noite sonhou com neve. Sonhou que brincava novamente com os irmãos. Que se ajoelhava ao pé de uma árvore que escolhia e lá rezava. Pedia o bem de todos. No dia seguinte uma chuva de granizo, nunca antes vista, caíra sem perdão. Mayumi tivera que se proteger debaixo da mesa, pois algumas pedras de granizo atravessaram o frágil telhado. O pai e a mãe procuraram uma árvore perto do cafezal para não serem atingidos. O barulho assustou a todos. O pai lembrou da nevasca que destruíra sua plantação. Agora nem se preocupava tanto pois o maior prejuízo não seria dele. A mãe começou a chorar e dizer que queria voltar, que não queria mais esta vida. Que cansara do Brasil, cansara do trabalho, que tudo estava perdido e que era hora de voltar para o Japão. O pai não sabia o que fazer. Mayumi pensava que se tratava só de uma chuva com pedras de gelo. Durou bastante, o suficiente para que as pedras cobrissem grande parte do chão. Ao sair de casa para ver o estrago, ela viu um campo branco coberto pelo frio; lindo, como o campo de neve japonês no qual ela costumava brincar. Sorriu, buscou uma árvore, se ajoelhou e rezou pelo bem de todos.



Ione Shimizu, Yoshie Yamashita (minha mãe) e Jorge Yamashita
Cornélio Procópio – PR, 01/08/1950



Ryusaku Nagumo e Toshi Nagumo (meus avós paternos)

Lins - SP, s/a



Família Shimizu

Cornélio Procópio – PR, 28/03/1938

MEMÓRIAS JAPONESAS

ESTEVON NAGUMO RA 004899

ORIENTADOR: PROF. DR. MILTON DE ALMEIDA

Tudo começou em uma discussão com o Milton sobre a possibilidade de desenvolvermos um estudo a partir do livro “Lavoura Arcaica” do Raduan Nassar. A força, energia, escrita, tudo do livro não só me interessava como me instigava. Tal paixão me levava a crer que poderia trabalhar algum aspecto do livro, talvez uma comparação entre o filme e o livro. Depois de esgotar o autor, vi que não havia mais do que admiração nesta busca. Não havia um problema, uma questão, algo para se abrir. Então decidi mudar e averiguar a literatura japonesa. Queria continuar dentro de livros. Escolhi o Japão por curiosidade, tive vontade saber o que se produz em literatura por lá - terra dos meus ancestrais. Sem muita clareza de como poderia encontrar algo lendo estes livros.

Por fim, vi que permeava nestes dois caminhos distintos um único tema: família. A dureza do pai de Lavoura, a busca pelas minhas origens japonesas. Algo neste sentido me inspirava, me movia. Só não tinha claro como desenvolver o trabalho de conclusão de curso sobre este tema. Por sorte, o Milton me sugeriu que eu produzisse um “TCC de criação”, já que ele conhecia da meu gosto pela escrita. Ou seja, meu TCC seria a criação de uma história, um conto, uma novela ou um escrito sobre uma família. Seria obrigado a fazer muita pesquisa para criar isso, buscando diversas fontes de informação, que me permitissem recriar uma época, um lugar, uma família.

Um dia consegui os escritos da minha avó paterna que contavam um pouco da sua história como imigrante. Decidi que esta seria a base para o meu trabalho. Recontaria a história de uma imigrante japonesa no Brasil. Não só enriquecendo com dados e

informações que pesquisasse, mas também colocando no papel pequenas histórias que escutei, transferindo um pouco do imaginário no qual fui criado.

Através do OLHO – Laboratório de Estudos Audiovisuais, pude adotar uma metodologia distinta. Este grupo de pesquisa busca vincular objetividade e subjetividade, realidade e imaginação, conhecimento e arte. Decidi caminhar por um viés de auto-conhecimento, trabalhando com algo da minha história de vida que me sensibilizasse. Tal pesquisa trouxe um contato maior com a cultura dos meus ancestrais, o que me levou a refletir sobre minha vida.

O trabalho de orientação foi fundamental. Em parte das reuniões falávamos sobre filmes e questões da vida. Ou me eram apontados alguns problemas do texto. Sempre com liberdade e confiança para que eu desenvolvesse esta história. O orientador colocava questões para que eu pensasse de forma ampla, indicava livros e filmes, sem interferir ou direcionar minha criação, dando um aporte importante para que eu pudesse escrever. Sua orientação foi essencial para que eu acreditasse que esta metodologia de criação era possível, válida e coerente. Mais do que me entregar uma outra metodologia, ele me mostrou a possibilidade de desenvolver um tema com prazer.

Através de um resgate da história da minha família, da leitura de livros japoneses sobre a cultura japonesa e sobre a imigração japonesa busquei inspiração e informação para a escrita desta história. Conversas com parentes, apresentações teatrais, filmes orientais; enfim várias fontes serviram de base para o TCC. Sem um cronograma de leituras ou mesmo um anteprojeto formal, a pesquisa seguiu mais por um interesse próprio e um viés criativo, do que propriamente pela obrigação de escrever o trabalho acadêmico-científico seguindo normas e estruturas anteriores.

Durante o processo, acabei me detendo mais no resgate do que é o Japão, e pouco desenvolvi o aspecto da imigração. Acabei optando por fugir da exaltação do esforço

daqueles que decidiram viajar para o Brasil, e foquei a história na família, principalmente antes da viagem ao Brasil. Quis desenrolar os laços que os uniam, as desavenças, os silêncios, a dinâmica. Me interessei bastante pela história do Japão, suas bases religiosas, suas tradições, suas artes. Tentei entender alguns princípios básicos que regem esta sociedade. Em grande parte, este resgate me deu base para olhar de outra forma minha formação e minha família.

Quando reli algum trecho do que já havia escrito, muitas vezes pensava que faltava algo e assim afinava o que deveria buscar para acrescentar na história. Não partia de algo pronto, mas do que a própria criação demandava. Ela me direcionava, e eu a dirigia. Senti também uma grande felicidade usar a escrita de forma plena, ampla, transcendente. A arte serviu para que eu buscasse meu espaço e minha liberdade.

Glossário

Bonsai: arte de cultivar plantas em pequenos espaços

Bushidô: "caminho do guerreiro" - código de conduta dos samurais

Daimio: senhores feudais do período compreendido entre os séculos XII e XIX da história do Japão

Dorayaki: tipo de doce japonês

Jankenpo: jogo de azar no qual há 3 possibilidades de jogo indicados pela mão: pedra, papel ou tesoura. A pedra ganha da tesoura, a tesoura ganha do papel e o papel ganha da pedra.

Karma: no Budismo é a palavra para "ato" ou "ação", usa-se a palavra em textos antigos para ilustrar a importância de desenvolver atitudes e intenções corretas

Misô: pasta de cor marrom feita a partir da soja fermentada.

Obentô: refeição preparada para se comer fora de casa

Onigiri: bolinho de arroz servido em formato triangular ou oval

Samurai: classe guerreira do Japão feudal

Saquê: bebida fermentada usual do Japão, fabricada pela fermentação artificial do arroz.

Shodô: "caminho da escrita", a arte da caligrafia japonesa

Shoyu: molho de origem japonesa feito à base de soja

Udon: tipo de sopa feita com misô

Xogunato: sistema feudal de ditadura militar exercido pelos shoguns

Bibliografia

BARROS, Benedicto Ferri

Japão – a harmonia dos contrários

São Paulo: T. A. Queiroz, 1988

BENEDICT, Ruth

O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa

São Paulo: Perspectiva, 1997

DAIGO, Masao

A mata das ilusões

Tradução de Sonia Regina Longhi Ninomiya

Rio de Janeiro: Editora Marques Saraiva, 1998

LOSNAK, Marcos

Lavrador de Imagens: uma biografia de Haruo Ohara

Londrina: S. H. Ohra, 2003

HASHIDA, Sugako

Haru e Natsu: As cartas que não chegaram

Tradução de Masato Ninomiya e Sonia Regina Longhi Ninomiya

São Paulo: Kaleidos-Primus Cosultoria e Comunicação Integrada, 2005

MISHIMA, Yukio

Morte em pleno verão e outras histórias

Tradução de Aulyde Soares Rodrigues

Rio de Janeiro: Rocco, 1986

MORAIS, Fernando

Corações Sujos

São Paulo: Companhia das Letras, 2000

NASSAR, Raduan

Lavoura Arcaica

São Paulo: Companhia da Letras, 1997

ROCHA, Antonio Carlos

O que é budismo

São Paulo, Brasiliense, 1988

KUSANO, Darci Yasuco

O que é teatro nô

São Paulo, Brasiliense, 1988